A Etnologia das Populações Indígenas do Brasil, nas duas Últimas Décadas

JÚLIO CEZAR MELATTI

Parece que o desenvolvimento da Etnologia no Brasil está intimamente relacionado com a evolução do ensino universitário. Num trabalho hoje clássico, "Tendências teóricas da moderna investigação etnológica no Brasil" (republicado em *Investigação etnológica no Brasil e outros ensaios*. Petrópolis: Vozes, 1975), Florestan Fernandes (p. 119), por exemplo, faz a distinção entre o primeiro quartel do corrente século, caracterizado, sobretudo, pelas realizações de pesquisadores estrangeiros, e um período seguinte, quando surgem certas possibilidades de desenvolvimento autônomo do ensino e da pesquisa da Etnologia no Brasil. E aponta como motivos dessa transformação a introdução do ensino de Ciências Sociais nas universidades e a contratação de professores estrangeiros para oferecê-lo; e ainda o aproveitamento de etnólogos na direção de instituições de pesquisa ou de caráter indigenista. No referido texto, Fernandes faz uma avaliação da produção etnológica desse segundo período. Curiosamente, na época em que o publicou pela primeira vez, na revista *Anhembi* (1956-1957), começava a se delinear um terceiro período na história da Etnologia no Brasil.

De fato, a partir de 1955, realizaram-se umas poucas vezes no Museu do Índio e, a partir de 1960, no Museu Nacional, cursos de especialização que seriam os precursores dos modernos cursos de pós-graduação em Antropologia, a começar pelo do Museu Nacional, criado em 1968. Ou melhor, nesse período, começam a se conjugar pesquisa e ensino, tanto nos museus e institutos, que até então se dedicavam, principalmente, à pesquisa, como nas universidades, que lidavam, sobretudo com ensino, uma simbiose que havia ocorrido, até então, somente na Universidade de São Paulo. Esses cursos de especialização e, sobretudo, os de pós-graduação contribuí-

ram para estimular e ampliar a produção etnológica no Brasil. Não podemos nos esquecer, por outro lado, que a contribuição de pesquisadores estrangeiros continuou; alguns se fizeram notar pela mera realização de seus projetos particulares; mas outros mostram sua presença com uma maior vinculação com instituições brasileiras e/ou pela formação de pesquisadores brasileiros em suas instituições de origem.

Mas, no que diz respeito, especificamente, à Etnologia das populações indígenas, não se pode atribuir seu atual desenvolvimento, exclusivamente, a uma influência direta dos cursos de pós-graduação. Afinal de contas, das setenta dissertações de Mestrado apresentadas no Museu Nacional até o presente ano, apenas cinco — ou seja, uns sete por cento — se referem a indígenas. Das vinte e oito defendidas na Universidade de Brasília, somente seis — portanto, uma porcentagem um pouco maior, de vinte e um por cento. Não tenho as percentagens dos outros cursos. Mesmo no que se refere a teses realizadas em universidades estrangeiras, nesse período, por alunos brasileiros, a percentagem parece ser pequena, pois apenas três se referem a grupos tribais (GOMES, 1977; MATTA, 1976; RAMOS, 1972). De qualquer modo, a Etnologia Indígena deve ter se beneficiado, indiretamente, com a criação da pós-graduação, pois vêm concorrendo para melhorar o nível dos cursos de graduação, bem como estimulando a publicação de traduções de textos importantes para orientar o estudo de sociedades tribais (sobretudo na década dos Setanta, ao contrário da década dos Sessenta, que foi um período de tradução de manuais).

A época da criação do primeiro curso moderno de pós-graduação em Antropologia foi, também, a da devassa no antigo SPI e conseqüente criação da FUNAI, quando inúmeras denúncias apareceram no noticiário dos jornais. A partir de então, os problemas indígenas passaram a freqüentar as páginas da imprensa de maneira mais assídua. Tenho a impressão de que isso, em parte, se deve ao menor controle da censura sobre o noticiário referente aos temas indígenas do que ao concernente a outros problemas sociais, talvez considerados menos inócuos. Sem dúvida, essa atenção da imprensa contribuiu para a formação de um público mais alerta para os temas referentes aos índios, culminando com a criação de entidades não-governamentais de apoio aos índios — hoje em número de, pelo menos dezesseis em todo o Brasil — e com a mobilização dos próprios indígenas e ainda com o interesse pelo estudo de grupos indígenas por parte de pesquisadores ligados a disciplinas não antropológicas.

De qualquer modo, a quantidade de pesquisas de caráter etnológico, ou de interesse para a Etnologia, é bastante expressiva. Consultando uma lista de autorizações de pesquisa elaborada na Divisão de Estudos e Pesquisas, na FUNAI, cobrindo os anos de 1974 a 1980, foi possível identificar oitenta e seis projetos, dos quais sessenta e nove desenvolvidos por pesquisadores brasileiros (ou radicados no Brasil) — uns oitenta por cento — e dezessete por estrangeiros — vinte por cento —, para falar apenas daquelas que ainda não chegaram a um resultado acabado (indicadas, daqui por diante, com a abreviação *and.*, isto é, "em andamento").

Esses números nos mostram que a situação de hoje é muito diferente daquela de uns vinte anos atrás, quando os etnólogos que se dedicavam aos índios, para não dizer todos os antropólogos interessados no Brasil, constituíam um pequeno grupo em que todos se conheciam. Hoje é possível identificar vários grupos de pesquisadores, uns mais e outros menos definidos. Esses grupos se reúnem em torno de determinada linha temática, orientação teórica ou de ação, determinada área, mas raramente em torno de determinada instituição. De fato, é muito difícil classificar os grupos de pesquisadores por instituições, pois é comum encontrarmos casos de etnólogos que se integram num projeto, formal ou tacitamente, numa instituição, mas utilizam os dados obtidos para redação de uma dissertação ou tese que apresentam em outra, ou, então, que se transferem de uma instituição para outra, levando consigo seus interesses e projetos.

É possível, de qualquer modo, classificar as instituições segundo a amplitude da área geográfica em que incidem seus projetos. Temos, assim, instituições de âmbito nacional, como o Museu Nacional, a USP, a UnB, a UNICAMP ou mesmo o CNRC (Centro Nacional de Referência Cultural) e o Museu do Índio. Outras são de âmbito regional, como o Museu Goeldi, cujos projetos incidem sobretudo no Pará e no Amapá. E há aquelas de âmbito estadual, como a UFBa, a UFPr, a UFSC etc. Convém notar que, além dessas instituições, a maioria delas mantidas pelo Governo, há também ordens religiosas que fazem pesquisas nas áreas onde desenvolvem trabalho missionário, como os Salesianos (Museu Dom Bosco, em Campo Grande, MS) e os Jesuítas (Instituto Anchietano de Pesquisas, em São Leopoldo, RS).

Na distribuição das pesquisas dessas duas últimas décadas em algumas linhas temáticas, que farei a seguir, tentarei, sempre que possível, identificar grupos de pesquisadores.

1 — *Organização social e política*

Nos anos que precedem 1960, David Maybury-Lewis inicia sua pesquisa com os Xavânte, da qual resultou sua tese de doutorado na Universidade de Oxford, posteriormente retrabalhada e publicada (MAYBURY-LEWIS, 1967). Essa pesquisa serviu, também, de estímulo ao pesquisador, uma vez instalado em Harvard como professor, para desenvolver, em convênio com o Museu Nacional, da UFRJ, um projeto mais amplo, sobre os índios do Brasil Central, especialmente os Jê, no qual trabalhariam pesquisadores de ambas as instituições. A realização do projeto permitiu a redação de várias teses de doutouramento, sobre os Kayapó (TURNER, 1966), os Krinkatí (LAVE, 1967), os Borôro (CROCKER, 1967) os Apinayé (MATTA, 1976), os Krahó (MELATTI, 1970), todas apresentadas em Harvard, com exceção da última, além de um volume comparativo recentemente publicado (MAYBURY-LEWIS, org., 1979). Nos Estados Unidos, os alunos de Harvard que participaram do projeto se dispersaram por diferentes universidades, após obterem o doutorado. Um deles, Terence Turner, tendo-se instalado em Chicago, parece estar dando continuidade ao projeto (que talvez já não mais exista de maneira formal), incentivando outros doutoramentos em sociedades Jê: sobre os Suyá (SEEGER, 1974), os Xokléng (URBAN, 1978), os Kreen Akarôre (Etephan SCHWARTZMAN, and.). Outras pesquisas sobre grupos Jê, desenvolvidas por pesquisadores de língua inglesa, vêm sendo desenvolvidas: A longa investigação sobe os Canelas que William Croker, que fez doutorado em Wisconsin (1962), vem desenvolvendo, até hoje, como pesquisador da Smithsonian Institution e as pesquisas sobre os Erikpátsa (HAHN, 1976), os Kreen-Akarôre (HEELAS, 1979), os Borôro (LEVAK,1971), os Karajá (DONAHUE, and.) os Kayapó (Donald HUNDERFUND, and.). Na Europa, uma pesquisadora francesa, que escreveu sobre os Kayapó antes dos primeiros resultados do projeto Harvard-Museu Nacional (DREYFUS, 1963) orienta um pesquisador belga que mantém mais intercâmbio com ele (VERSWIJVER), 1978). No Brasil, tanto na USP como na UNICAMP, desenvolveram-se pesquisas com intenso intercâmbio com pesquisadores do projeto Harvard-Museu Nacional e seus textos: sobre os Borôro (VIERTLER, 1976), os Xikrín (VIDAL, 1977), os Krahó (CARNEIRO DA CUNHA, 1978; Gilberto AZANHA, and.); os Xavânte (SILVA RIBEIRO, 1980). Como alheios ao projeto, podemos citar os últimos resultados das pesquisas que, há várias décadas, os Salesianos vêm desenvolvendo entre

os Borôro (ALBISETTI & VENTURELLI, 1962), e, mais recentemente, com os Xavânte (GIACCARIA & HEIDE, 1972).

Alguns pesquisadores indiretamente ligados ao projeto Harvard-Museu Nacional realizaram suas pesquisas no Xingu, estudando os Suyá (SEEGER, 1974), que são também Jê, e os Txikâo (MENGET, s.d.), que são Karíb. Outros pesquisadores também desenvolveram, recentemente, estudos nesta área sobre os Jurúna (OLIVEIRA, 1970), Kalapálo (BASSO, 1973), Awetí (ZARUR, 1975) Kamayurá (JUNQUEIRA, 1975), Meináku (GREGOR, 1977), Yawalapití (VIVEIROS DE CASTRO, 1977). Este último pesquisador, juntamente com Seeger e Matta, tem chamado a atenção para o fato de o estudo dos Jê ter mostrado a importância de um outro enfoque para as sociedades indígenas do Brasil Central, centrado na noção de pessoa, distinto da orientação inglesa desenvolvida, sobretudo, nos estudos africanos, com que se havia iniciado o projeto Harvard-Museu Nacional. Algumas comunicações sobre esse tema foram reunidos no *Boletim do Museu Nacional*, m.s., Antropologia, n.º 32, 1979. Enfim, o grupo, cada vez maior, que se iniciou a partir desse projeto tem, através desses anos, modificado sua orientação teórica, bem como ampliado a área geográfica de seu interesse.

O projeto Harvard-Museu Nacional também incluía uma pesquisa entre os Nambiquaras, por Cecil Cook, que não chegou a se completar. Mas P. David Price, que tinha contato com os participantes do projeto, realizou-a, elaborando uma tese apresentada à Universidade de Chicago (PRICE, 1972). Outra pesquisa realizada na região foi sobre um grupo Pakaá Nóva (MASON, 1969).

Na região vizinha, mais ao norte, no médio Madeira, foi desenvolvida uma pesquisa sobre os Parintintín (KRACKE, 1978) e está em andamento outra sobre os Múra Pirahân (Adélia Engrácia de OLIVEIRA, and.). Há outra em andamento sobre os Suruí e Cinta Larga (Carmem JUNQUEIRA e Betty LAFER, and.), nos altos afluentes do médio Madeira.

Uma área que vem suscitando muito interesse nos últimos anos é a dos Yanoâma. Para citar apenas aquelas realizadas do lado brasileiro da fronteira, temos a de Hans BECHER (1960), a de Alcida RAMOS (1972), a de Judith SHAPIRO (1972) e a de Bruce ALBERT (and.), além das informações presentes no depoimento tomado por BIOCCA (1965).

Na região vizinha do norte do Pará, temos uma tese apresentada à Universidade de Colúmbia sobre os Wayâna (LA-

POINTE, 1970) e outra sobre o Waiwái na Universidade de Copenhaguen (FOCK, 1963).

Na região do rio Negro, Peter SILVERWOOD-COPE, atualmente trabalhando na UnB, continua a pesquisa com os Makú do lado brasileiro, após ter feito tese de doutoramento em Cambridge sobre os Makú do lado colombiano (1972). Também sobre os Makú, do lado brasileiro, há a pesquisa de Howard REID (1979).

Perto da fronteira com o Peru, em tributários do rio Javari, Delvair Montagner Melatti e eu temos em andamento uma pesquisa com índios Marúbo.

É digno de nota registrar um outro estudo comparativo que se realizou no período em questão. Trata-se do estudo da organização social dos atuais grupos Tupí, de Roque Laraia, apresentado como tese de doutoramento na USP (LARAIA, 1972), baseado em dados colhidos por ele entre os Suruí, Asuriní (Akuáwa), Kmayurá e Kaapór. Este, juntamente com o citado trabalho sobre os Parintintín (KRACKE, 1978), dois sobre os Mundurukú (MURPHY, 1972 e MURPHY e MURPHY, 1974), o retorno aos Mundurukú por um aluno de Robert Murphy (Steve Brian BURKALTER, and.) e um trabalho em andamento sobre os Tenetehára (Laís CARDIA, and.) são os poucos trabalhos referentes à organização social dos grupos Tupí realizados nos últimos anos.

Aliás, os trabalhos do casal Murphy e de Laís Cardia se dispõem numa nova linha temática que começa a se desenvolver dentro dos estudos da organização social: aqueles que se preocupam em discutir a hierarquia homem/mulher nas sociedades tribais. Incluem-se na mesma temática a citada pesquisa a se iniciar entre os Kreen Akarôre (SCHWARTZMAN, and.), uma sobre os Xavânte (Helena Fanny RICARDO, and.) e uma que Virgínia Valadão pretende realizar sobre uma líder Tembé; as duas últimas estão ligadas à UNICAMP.

Enfim, com elação ao tema organização social e política, as áreas que receberam mais atenção foram a dos cerrados do Centro-Oeste e o Sudeste Amazônico, inclusive o alto Xingu. Naquelas regiões em que as formas tradicionais de organização social já não mais vigoram, como o Brasil Sul, o Leste, o Nordeste, trabalhos desse gênero constituem exceção. Dentre as áreas menos estudadas, no que se refere a este tema, está o Sudoeste Amazônico, sobretudo a bacia do Javari, Rondônia e as áreas vizinhas deste. O Acre, que se inclui nessa região, talvez não mais ofereça exemplos de organização tradicional.

Esta linha temática está intimamente relacionada com a anterior, uma vez que, dificilmente, um etnólogo se dirige ao campo com o fim exclusivo de observar ritos ou colecionar mitos. Geralmente o pesquisador utiliza os mitos e os ritos como janelas por onde pode obter novos ângulos de observação do sistema social.

Sem dúvida, já existia uma tradição brasileira de estudo de mitos representada, principalmente, pelo trabalho de Egon Schaden, *A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil: ensaio etno-sociológico*, editado a primeira vez em 1945, e o de Darcy Ribeiro, *Religião e mitologia Kadiwéu*, de 1950. Mas, no período a que me estou referindo, um dos mais importantes trabalhos sobre mitos que envolve tribos brasileiras é (*Mythologiques*, principalmente seus três primeiros volumes (LÉVI-STRAUSS, 1964, 1966 e 1968) e que, sem dúvida, serve de estímulo aos etnólogos que se dedicam aos grupos indígenas do Brasil. Naturalmente, alguns desses trabalhos são de análise, enquanto outros mais se aproximam da simples coleção. Nota-se, outra vez, que as regiões que mas atenção tiveram foram os cerrados do Centro-Oeste e o alto Xingu. Referentes ao cerrados e suas vizinhanças, temos os trabalhos sobre os Borôro (ALBISETTI & VENTURELLI, 1979; Renate VIETLER, and.), Xavânte (GIACCARIA & HEIDE, 1975a e 1975b; Maria Aracy da SILVA RIBEIRO, and.), os Kayapó (TURNER, ms.; LUKESCH, 1976), Timbíra (artigos de MATTA, em *Ensaios de Antropologia Estrutural*, Vozes, e de MATTA e de MELATTI em *Mito e Linguagem Social*, Tempo Brasileiro). Quanto ao Xingu, os trabalhos sobre os Kamayurá (AGOSTINHO DA SILVA, 1974b; LARAIA, também em *Mito e Linguagem Social*, (VILLAS BOAS & VILLAS BOAS, 1970, que também inclui mitos Jurúna; Etienne SAMAIN, and.), Kayabí (Miguel Pedro Alves CARDOSO, and.), Trumaí (MONOD-BECQUELIN, 1975). Por conseguinte, no Xingu, são os Kamayurá os mais procurados pelos interessados em mitologia. Fora dessas duas áreas, os trabalhos sobre mitos são poucos: o de NUNES PEREIRA (1967) incide, principalmente, sobre os grupos dos cerrados de Roraima, do rio Negro, do alto Solimões, do médio e baixo Madeira. Há um trabalho, que parece ser de gabinete, mas inspirado em Levi-Strauss que aborda, sobretudo, o alto rio Negro (Silvia de CARVALHO, 1979); sobre esta região há, também, uma pesquisa sobre a cosmologia Makú, de Peter SILVERWOOD-COPE, publicada no *Anuário Antropológico/78*. É digna de nota, ainda no que

se refere a essa região, a coleção de mitos publicada por dois índios Desâna (UMÚSIN PANLÕN KUMU & TOLAMÃN KENHÍRI, 1980). Há, ainda, os trabalhos sobre os Erikpátsa (PEREIRA, 1973), Irântxe (PEREIRA, 1974) e Nambiquaras (PEREIRA, 1976). Em andamento existe um trabalho sobre os Asuriní (Anton LUKESCK & Carlos LUKESCH, and.) e a respeito da cosmologia Marúbio (Delvair MONTAGNER MELATTI, and.). Nota-se uma certa preferência dos pesquisadores missionários pela coleta de mitos (ALBISETTI & VENTURELLI, GIACCARIA & HEIDE, LUKESCH e PEREIRA).

No que tange aos ritos, que quase sempre são examinados em conexão com os mitos, as mesmas duas áreas foram as privilegiadas pelos pesquisadores. Na região Centro-Oeste, temos trabalhos sobre os Krahó (CARNEIRO DA CUNHA, 1978; MELATTI, 1978), sobre os Kayapó (VIDAL, 1977; Gustaaf VERSWIJVER, and.), sobre os Borôro (BLOEMER ,1980; Renate VIERTLER, and.), sobre os Karajá (Odilon de SOUSA FILHO, and.) e sobre as corridas de toras em suas várias manifestações, do Nordeste antigo à atual região Centro-Oeste (STALE, 1969). Na área do Xingu, há um trabalho sobre o Kuarúp entre os Kamayurá (AGOSTINHO DA SILVA, 1974a). Em outras áreas, há um trabalho sobre os Mundurukú (MURPHY, 1958), nos inícios do período em questão, e uma pesquisa em andamento, sobre os rituais de puberdade, de guerra e de morte entre os Yanoâma (Bruce Albert, and.).

3 — *Relações com o meio ambiente*

Sem dúvida, o trabalho mais popular sobre este tema é o da arqueóloga Betty MEGGERS (1977) sobre a Amazônia, devido à sua tradução para o português e ao interesse político-econômico que essa região inspira no momento. Mas se trata de um trabalho, em parte, apoiado numa bibliografia muito antiquada. Uma pesquisa mais cuidadosa, com dados colhidos especialmente para o projeto, segundo técnicas previamente selecionadas para serem aplicadas por todos os seus participantes, é aquele dirigido por Daniel GROSS (and.) e desenvolvido por orientandos seus na City University of New York, e uma brasileira, além de um biólogo da Universidade de Brasília, em grupos Jê e nos Borôro.

Além desses dois trabalhos que se referem a áreas muito extensas, há outros de âmbito mais local e que podem ser classificados segundo seu interesse na fauna, na flora, nos recursos alimentares, nas plantas medicinais. No que tange à fauna, temos um trabalho geral (Claude DOMUNIL, and.), um sobre

os Apalaí (Fernando da Costa NOVAES, and.), outro sobre os Kayapó (POSEY, 1979) e ainda outro sobre os Yanoâma (TAYLOR, 1974). Quanto à flora, além de um trabalho que abrange vários grupos (Claude DUMENIL, and.), há outros mais específicos sobre os índios do Xingu (Margareth EMMERICH, and.), os Borôro (HARTMANN, 1967), os índios dos cerrados de Roraima (Edileusa SETTE SILVA & outros, and.). No que tange a recursos alimentares de caráter agrícola, há pesquisas sobre os Kayapó (Eric CRAVERO, and.), uma prevista para ser realizada por Hamilton Santos, aluno de Agronomia da UnB, entre os Krahó, uma outra sobre o fumo, o guaraná e o mate, respectivamente entre os Guajajára, os Mawé e os Kaingáng (Anthony HENNMAN, and.). No que tange aos recursos alimentares de origem animal, está se realizando uma pesquisa no Uaupés (Janet CHERNELA, and.) sobre a relação entre alta densidade demográfica e um sistema de pesca intensiva que parece se ter reorientado para o estudo da organização social dos Wanâna. Ainda sobre ecologia alimentar, há um trabalho sobre os Nambiquaras e Paresí (Elenoe SETZ, and.). Com respeito às plantas medicinais, há três pesquisadores interessados nos Kaiwá (Wilson GARCIA, and.; Maria Fátima ROBERTO, and. e Joana SILVA, and.), um da USP e duas da UNICAMP, talvez realizando o mesmo trabalho. Há ainda um trabalho sobre medicina entre os Suruí de Rondônia (Carlos COIMBRA JR. & Everaldo ALVAREZ, and.), mas não sei se trata de plantas medicinais. Também não tenho informações sobre o trabalho sobre adaptação ecológica desenvolvido entre os Bakairí (Debra PICCHI, and.). Convém notar que o projeto Harvard-Museu Nacional também incluiu uma pesquisa sobre as relações dos Kayapó com o ambiente (BAMARGER TURNER, 1967).

Se tivesse mais informações sobre essas numerosas pesquisas, a maior parte delas em andamento, talvez pudesse classificá-las em dois grandes conjuntos. Um deles englobaria aquelas em que se considera o estado atual de cada sociedade indígena como resultante de modificações sócio-culturais ocorridas ao acaso e que, surpreendentemente, vieram a favorecer a perpetuação do sistema social no ambiente em que está instalada, em outras palavras, uma orientação que aplica o princípio da seleção natural às sociedades. No outro conjunto, se incluiriam aqueles estudos que levam em conta a classificação dos elementos ambientais e uma reflexão sobre eles pelos membros da sociedade. Entretanto, talvez a classificação tivesse de ser mais complexa, dada a presença de

vários especialistas de áreas não antropológicas engajados nessas pesquisas (CRAVERO; COIBRA & ALVAREZ; DUMENIL; EMMERICH; NOVAES; SETZ; Hamilton SANTOS; Edileuza SILVA & outros).

4 — *Arte, artesanato e tecnologia*

As pesquisas realizadas, ou em realização, que se dispõem nesta linha temática, ora se aproximam daquelas tratadas no item anterior (relações com o meio ambiente), ora nos dois primeiros itens (organização social e política ou mitologia e ritual). Como a maioria delas ainda não está terminada, não me é possível classificá-las segundo esses critérios.

Parece que a maioria dos trabalhos dessa temática se desenvolve nos cerrados da região Centro-Oeste, prolongando-se pelo alto Xingu e Rondônia. Nas outras regiões, eles são em menor número.

Alguns projetos são bastante extensos, como o realizado sob os auspícios do CNRC (George ZARUR, and.), tendo como objeto o artesanato dos indígenas da região Centro-Oeste e desenvolvido com o auxílio de vários colaboradores. Outro projeto que abrange uma ampla área é o referente ao artesanato do rio Negro, do Xingu, dos Karajá e dos Canelas, por pesquisadores da Universidade de Morón, na Argentina (Ana Biró STERN & Martha Teresita MANARINI, and.). Extenso, também, é o projeto sobre o emprego social da tecnologia, que se realiza no Xingu e entre os Tukúna e os Karajá (Maria Heloisa FÉNELON COSTA, João Pacheco de OLIVEIRA FILHO, and.), também com a ajuda de vários colaboradores. Outros, ainda que se refiram ao artesanato em geral, têm por objeto apenas um grupo tribal ou uma área mais restrita. É o caso das pesquisas sobre os Tiriyó (FRIKEL, 1973), Wayâna e Apalai (Lucia Hussak van VELTHEM, and.), grupos da região do Tumucumaque e estudados por sucessivos pesquisadores do Museu Goeldi; dos Timbira e Guajajára, grupos vizinhos estudados por uma mesma pesquisadora (NEWTON, 1971 e and.), que participou do projeto Harvard-Museu Nacional; dos Xikrín (Irmeli Marjata SUVÍOLA, and.), dos Borôro (Teófilo TORRONTEGUI & Arieta TORRONTEGUI, andã) e Maxakalí (Neli Ferreira NASCIMENTO, and.), sendo que, pelo menos as duas últimas, estão sendo realizadas por alunos de pós-graduação da USP.

Há, também, aqueles projetos que se referem apenas a determinado tipo de artesanato ou tecnologia, como os sobre

habitações e aldeias, um deles de caráter prático e realizado por um não-etnólogo, em Rondônia, sobre os Pakaá Nóva, Karitiâna, Cintas Largas, Suruí, Arara (Paulo Barbosa MAGALHÃES, and.) com ajuda de alguns colaboradores. Outro, também sobre os Pakaá Nóva, por um pesquisador da UNICAMP (Omar Landi SANTOS and.); e ainda um terceiro sobre o Xingu, pelo Museu do Índio (Cristina SÁ & outros, and.).

Há algumas pesquisas sobre cestaria dos índios do Xingu e do Brasil em geral (Berta RIBEIRO, 1979 e 1980), dos Karajá (Edna de MELO, and.).

Quanto à cerâmica, há uma em desenvolvimento sobre os Waurá (COELHO, and.). As bonecas Karajá são objeto de, pelo menos, dois estudos (Günther HARTMANN, G., 1973 e FÉNELON COSTA, 1978). Aliás, um deles, o de Maria Heloisa Fénelon Costa, não se refere apenas a bonecas, mas a outras formas de expressão artística e aos artistas que as mantém.

A cozinha indígena é focalizada em dois trabalhos, um mais geral, de NUNES PEREIRA (1974) e outro sobre os Wayâna, quase todo redigido por SCHOEPF (1979).

O uso do arco e da flecha foi objeto de um estudo geral de HEATH, um arquiteto inglês, juntamente com CHIARA, antropólogo que pertenceu ao quadro do Museu Paulista (1977). Já o curare usado no norte e nordeste da Amazônia recebeu uma especial atenção de VELLARD (1965).

A plumária, que foi tratada de modo cuidadoso, no caso dos Kaapór, por RIBEIRO & RIBEIRO (1957), parece que, atualmente, só é objeto de uma pesquisa, desta vez com os Borôro (FERRARO DORTA, 1978).

A pintura corporal também não tem recebido muita atenção, podendo-se citar apenas os trabalhos de Regina MÜLLER sobre os Xavânte (1976) e em andamento sobre os Asuríni; e, ainda, sobre os Kadiwéu e Yawalapití (Sandra WELLINGTON, and.). O mesmo se pode dizer de estudos sobre linguagem corporal, havendo um em andamento sobre os Xavânte (Virgina VALADÃO, and.).

Um tema que tem tomado impulso nos últimos anos é o da música indígena. Recentemente foi publicado um trabalho geral, fruto de muitos anos de pesquisa de gabinete (CAMÊU, 1977). Quanto a trabalhos realizados no campo, temos aqueles sobre os Xavânte (AYTAI, 1976), os Kamayurá (BASTOS, 1978), os Kayabí (Elizabeth LINS, and.), os Suyá (Anthony SEEGER, and.), os Nambiquaras (Thomas AVERY & Kristen AVERY, and.; também estudados por AYTAI).

5 — *Contato interétnico*

O período em questão se inicia com uma reorientação das pesquisas sobre aculturação, marcada pela publicação de importantes trabalhos de Darcy Ribeiro (1957, 1962), posteriormente refundidos no volume *Os índios e a civilização* (RIBEIRO, 1970). Mas foi nos cursos de especialização oferecidos no Museu Nacional, nos inícios da década dos Sessenta, que se forma um grupo em torno do projeto "Estudo de Áreas de Fricção Interétnica no Brasil", de Roberto Cardoso de Oliveira, gerando trabalhos sobre os Tukúna (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1972), os Suruí, Akuáwa e Gaviões (LARAIA & MATTA, 1978), os Krahó (MELATTI, 1967 e 1972). Posteriormente, novos alunos do Museu Nacional se engajaram em pesquisas, de certo modo, ligadas a este projeto, produzindo trabalhos sobre os Xokleng e demais indígenas de Santa Catarina (Sílvio Coelho dos SANTOS, 1960 e 1973), sobre os Kaingâng e Guaraní do Paraná (HELM, 1974 e 1977).

As pesquisas orientadas pela noção de fricção interétnica sofreram duas sortes de deslocamento. Um deles, espacial, foi uma difusão para outras instituições: alunos dos cursos de especialização do Museu Nacional retornaram a suas instituições de origem, para elas levando a nova orientação (para a UFSC, a UFPr, o Museu Goeldi, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília). Por outro lado, três pesquisadores do Museu Nacional, entre os quais o próprio Cardoso de Oliveira, passaram para o quadro da Universidade de Brasília, aí incentivando pesquisas com essa orientação.

O outro deslocamento se fez no nível da teoria. Um dos desdobramentos dos estudos de fricção interétnica foram as pesquisas sobre campesinato indígena no Nordeste (AMORIM, 1970/71 e and.) e, sem dúvida, a permanência dos pesquisadores nas vilas e cidades próximas às aldeias indígenas, onde desenvolviam pesquisas sobre contato, parece ter estimulado o desenvolvimento de projetos camponeses não-indígenas, bem como outras formas de trabalhadores rurais. Aí deve estar a raiz do projeto sobre as regiões Nordeste e Centro-Oeste elaborado no Museu Nacional e desenvolvido com a ajuda dos primeiros alunos do Programa de Pós-graduação. Por outro lado, o trabalho com as pesquisas sobre fricção interétnica conduziu Roberto Cardoso à noção de etnia, aos problemas de manipulação da identidade (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976b), o que ocorreu, mais ou menos, no período em que se transferia para a UnB. Esse enfoque complementar teve influência em várias dissertações de mestrado apresen-

tadas nesta última instituição, não tanto na relativa aos Tukúna (OLIVEIRA FILHO, 1977), porém mais naquela sobre as relações entre os Guaraní e os Kaingâng (PIRES, 1975), dentro do contexto do contato com os civilizados; noutra, referente aos Bakairí (BARROS, 1977); bem como na referente aos Kaxinawá (AQUINO, 1977). Tenho a impressão de que esses trabalhos foram, de certo modo, facilitados pela existência de disciplinas ligadas à Antropologia Cognitiva, então oferecidas na UnB, pois, sem dúvida, as distinções étnicas não deixam de estar relacionadas a sistemas de classificação. As pesquisas para dissertação mais recentes desenvolvidas na mesma instituição, ainda que orientadas segundo a noção de fricção interétnica, não parecem dar tanto peso à identidade étnica, ainda que não a ignorem. Trata-se daquelas sobre a escola entre Galibí e Karipúna (Eneida de ASSIS, and.), os índios do rio Negro (Ana Gita de OLIVEIRA, and.) e os Pukobyê (Maria Helena BARATA, and.). A última, por sua vez, parece se valer do "social drama" para compreender a situação estudada. O Museu Nacional continuou a manter a tradição das pesquisas de contato interétnico, como o atestam aquelas sobre os Apinayé (José Reginaldo Santos GONÇALVES, and.), os Txukahamâi (Vanessa LEA, and.), os Xokó Karirí (Vera CAVALHEIROS, and.), os Kaingâng do Rio Grande do Sul (Ligia SIMONIAN, and.).

Alguns trabalhos referentes ao contato, ultimamente desenvolvidos, privilegiam uma abordagem econômica. Seria o caso de uma tese sobre os Terênia de São Paulo (Edgard de Assis, CARVALHO, 1979) e de outra sobre os Guajajára (GOMES, 1977). Já os desenvolvidos no âmbito da UFBa temperam a abordagem econômica com uma orientação ecológica, como as teses sobre os Pataxó (Maria Rosário de CARVALHO, 1977) e sobre os Tuxá (NASSER, 1975). Dos pesquisadores estrangeiros, é ASPELIN (1975) quem sublinha aspectos econômicos do contato, em sua tese sobre um grupo Nambiquara.

As pesquisas a respeito da situação dos índios que vivem em cidades têm início com o trabalho desenvolvido entre os Terêna, numa pesquisa de campo que também serviu de exercício para a turma de alunos do primeiro curso de especialização do Museu Nacional (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1968). Recentemente uma dissertação de Mestrado na UnB (PENTEADO, 1980) propôs-se reexaminar a situação dos Terêna citadinos, quase vinte anos após aquela pesquisa, acrescentando, também, o caso de um grupo boliviano de origem indígena radicado em Corumbá. Está em seus inícios uma pesquisa sobre os imigrantes indígenas de Manaus e outras cidades

amazônicas, sob a direção de Roberto Cardoso de Oliveira e que inclui pesquisas sobre os Apurinân (Marcos Lazarin), Tukâno (Leonardo Figoli) e Mawé (Jorge Romano).

Algumas pesquisas têm tomado como foco a escola entre os índios, como a referente aos Karipúna e Galibí (ASSIS, and.), já citada, a referente aos índios de Santa Catarina (Sílvio Coelho dos SANTOS, s.d.) e aquela concernente à educação bilíngüe dos Karajá e Xavânte, uma tese da área de Educação (TSUPAL, 1978).

Ligados, ou não, ao exame da atividade escolar, estão aqueles trabalhos decorrentes de uma crescente preocupação com a atividade missionária. Um deles examina a ação jesuítica no século XVI (BAÊTA NEVES, 1978); outro, a situação dos índios do Tumucumaque (CORTEZ DE SOUZA, 1977); ambos foram dissertações de Mestrado do Museu Nacional. Por outro lado, Cláudia Meneses desenvolve, com o patrocínio do Museu do índio, um programa de pesquisas sobre o trabalho missionário entre os Xavânte (Clarice da MOTA & outros, and.) e entre os Irântxe, Erikpátsa e Paresí (Sonia Coqueiro GARCEZ & outros, and.). Há uma pesquisa em desenvolvimento na UnB referente à ação missionária no rio Negro (Ana Gita de OLIVEIRA, and.).

Com relação à política indigenista, temos os trabalhos sobre a região de Rondônia (GRAEVE, 1976) e sobre o Xingu (Ellen FISCHER, and.). Há, também, trabalhos sobre a história dessas reações em todo o Brasil: no século XVI e parte do seguinte (THOMAS, 1968), no século XIX (MOREIRA NETO, 1971) sobre a situação atual (DAVIS, 1978) e um trabalho mais geral (HEMMING, 1978).

Nos trabalhos sobre contato interétnico se nota uma nítida predominância dos pesquisadores brasileiros, ou radicados no Brasil, sobre os estrangeiros, que mostram uma visível preferência pelo estudo das sociedades tribais menos afetadas nas suas tradições. No que tange aos pesquisadores norte-americanos, os estudos de contato interétnico parecem estar muito ligados à figura de Charles Wagley, que estimula esse tipo de pesquisa nas universidades em que se instala: primeiro em Colúmbia (MURPHY, 1960) e depois na Flórida (Judith LISANSKI, and.). O já citado projeto de Daniel GROSS (and.) também envolve os problemas de contato. Poucos, também, são os ingleses interessados no contato, ocorrendo-me apenas uma pesquisa sobre os índios do Acre (Anthony GROSS, and.). Os trabalhos sobre contato desenvolvidos na Itália se apóiam em relações dos pesquisadores com missionários: um, sobre os Yanoâma, tem caráter psicológico (PONZO, 1967) e outro,

sobre os Xavânte, tem orientação aculturativa (GUARIGLIA, 1973).

Uma outra categoria de estudos sobre contato examina as relações entre diferentes grupos tribais, um tipo de pesquisa em que Eduardo Galvão (1979) foi pioneiro, com seus artigos sobre a área do rio Negro e a do alto Xingu. Sobre esta última área, está em andamento um projeto liderado por Anthony Seeger, do Museu Nacional, que toma os Suyá como foco de uma rede intertribal de que participam os Kayabí (Miguel CARDOSO, and.), os Waurá (Marco Antonio MELLO, and.), os Txukahamâi (LEA, and.). Por sua vez, a USP tem uma pesquisa em andamento na fronteira Amapá/Pará sobre as relações dos Oyampí com os Wayâna e os Aparaí (Dominique GALLOIS, and.). Alcida Ramos (1980) reuniu num volume, *Hierarquia* e *Simbiose*, alguns artigos sobre relações intertribais: entre os Makú e os Tukâno, entre os Yanoâma e os Mayongông e entre os Kaingâng e os Guaraní, textos em que contou com a colaboração de Peter Silverwood.-Cope, Maria Ligia Moura Pires, Ana Gita de Oliveira e o índio Mayongâng João Koch.

Recentemente, em algumas pesquisas que parecem ter por objeto, também, relações intertribais, tem aparecido o termo "etno-história". Nessa linha, que ainda não sei caracterizar, estão se realizando pesquisas entre os Terêna (Beatriz BUSCHINELLI, and.), os índios de Minas Gerais (Sonia MARCATO, and.), alto Xingu (Nobue MYAZAKI, and.). Não sei se também podem ser incluídos nessa orientação os trabalhos desenvolvidos entre os Kawahíb (Miguel MENENDEZ, and.) e os Kaapór Virginia VALADÃO, and.), da USP e da UNICAMP, respectivamente, além daquele sobre os Mundurukú (José Sávio LEOPOLDI, and.), em Oxford.

6 — *Antropologia da Ação*

Nos últimos anos estamos presenciando algo novo que é o esforço de alguns etnólogos em não se limitar ao trabalho puramente acadêmico, ou à simples denúncia da situação indígena, mas em oferecer seus serviços aos grupos tribais, sobretudo aqueles em que desenvolveram ou desenvolvem trabalhos de pesquisa. Assim, surgiram os projetos desenvolvidos por Kenneth Taylor para os Yanoâma, por David Price para os Nambiquaras, por Peter Silverwood-Cope para os índios do rio Negro. Entre os antropólogos brasileiros, trabalham, ou trabalharam, com os mesmos objetivos, Vilma Chiara para os Krahó, Terri Valle de Aquino para os Kaxinawá, João Pacheco

de Oliveira Filho para os Tukúna e um grupo de alunos de pós-graduação da USP para os grupos indígenas que têm como pólo de articulação a cidade de Marabá (Xikrín, Gaviões, Suruí), além dos Krahó. O que caracteriza esses projetos é o trabalho em comum com os indígenas; em outras palavras, os etnólogos não se limitam a oferecer soluções aos índios, mas procuram formulá-las por intermédio da discussão direta com eles e se esforçam por sua realização com ajuda deles. Esses projetos, de um modo geral, visam à demarcação das terras tribais, bem como à reconquista da autonomia tribal, quanto ao planejamento, o gerenciamento e utilização da produção da reserva indígena. Há resumos de alguns desses projetos num pequeno volume da FUNAI (1975); sobre sua experiência no Projeto Tukúna, João Pacheco de Oliveira Filho publicou um artigo no *Boletim do Museu Nacional,* m.s., Antropologia, n.º 34, 1979; e sobre a situação dos Yanoâma existe um volume do International Work Group for Indigenous Ajjairs (ARC/IWGIA/SI, 1979).

Acredito que trabalham numa mesma orientação vários dos antropólogos da FUNAI, no exercício de suas funções, nos seus trabalhos de delimitação das áreas indígenas.

Os Cursos de Indigenismo, criados para a formação de chefes de Postos, ministrados pela FUNAI com a colaboração de etnólogos da UnB, têm contribuído, apesar de seu caráter sumário e esporádico, para a formação de uma nova mentalidade entre os funcionários indigenistas e, sem dúvida, para que vários deles comecem a se preocupar com os efeitos de seus atos e omissões na direção dos postos e a se disporem a uma tentativa de trabalhar em comum com os membros dos grupos indígenas junto aos quais desempenham suas funções.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS E/OU TESES (1960-1980)

Observação: A sigla CBT, seguida de volume, página e número de registro, indica que a pesquisa está incluída no *Catálogo do Banco de Teses* do CNPq e MEC.
A sigla BIB, seguida de fascículo e página, indica que a pesquisa está registrada no *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais,* suplemento da revista *Dados.*
No caso de teses já publicadas, se indicará o título e edição mais recente.

AGOSTINHO D ASILVA, Pedro. *Kwaríp: Mito e ritual no alto Xingu.* São Paulo, EPU e EDUSP, 1974a.

———. *Mitos e outras narrativas Kamayurá.* Salvador, UFBa (Coleção Ciência e Homem), 1974b.

ALBISETTI, César & VENTURELLI, Angelo Jaime. *Enciclopédia Borôro.* Vol. 1. Campo Grande, Publicação do Museu Regional Dom Bosco, 1962.

———. *Enciclopéia Borôro.* Vol. 2. Campo Grande, Publicação do Museu Regional Dom Bosco, 2, 1969.

AMORIM, Paulo Marcos Pires de. "Índios camponeses (os Potiguaras da Baía da Traição)". *Revista do Museu Paulista,* n.s., vol. 19. São Paulo, p. 7-96. Mestrado MN., 1970/71.

ANTUNES, Clovis. *Wakona — Kariri — Xukuru: aspectos sócio-antropológicos dos remanescentes indígenas de Alagoas.* Universidade Federal de Alagoas (Imprensa Universitária), 1973.

AQUINO, Terri Valle de. *Kaxinawá: de seringueiro "caboclo" a peão "acreano".* Mestrado UnB., 1977.

ARC/IWGIA/SI. *The Yanoama in Brazil, 1979.* Copenhagen: IWGIA Document 37, 1979. (Contém textos de Alcida Ramos, Kenneth Taylor e da Comissão para a Criação do Parque Yanomami), 1979.

ASPELIN, Paul Leslie. *External articulation and domestic production: the artefact trade of the Mamaidê of Northwestern Mato Grosso, Brazil.* Cornell University (Latin American Studies Program; Dissertation Series, n.º 58), 1975.

AYTAI, Desidério. *O mundo sonoro Xavante.* Livre-docência PUC--Campinas, 1976.

BAÊTA NEVES, Luiz Felipe. *O combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios: colonialismo e repressão cultural.* Rio de Janeiro, Forense Universitária. Mestrado MN., 1978.

BAMBERGER TURNER, Joan. *Environment and cultural classification: a study of Northern Cayapó.* Doutorado Harvard, 1967.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. *Os Kariris de Mirandela: um grupo indígena integrado.* Universidade Federal da Bahia (Estudos Baianos, 6), 1972.

BARROS, Edir Pina de. *Kúra Bakairí/Kúra Karáiwa: dois mundos em confronto.* Mestrado, UnB.. 1977.

BASSO, Ellen B. *The Kalapalo Indians of Central* Brazil. New York. Holt, Heinhart and Wiston, 1973.

BASTOS, Rafael José de Menezes. *A musicológica Kamayurá: para uma antropologia da comunicação no alto Xingu.* Brasília, DEP--DGPC-FUNAI. Mestrado UnB, 1976. BIB 4:20, 1978.

BECHER, Hans. *Die Surára and Pakidái, Wei Yanomámi — Stamme in Nordwest brasilien.* Mit Anhang: Über die Sprache der Surára und Pakidái von Aryon Dall'Ingna Rodrigues. Hamburg, Mitteilungen aus den Museum für Volkerkund in Hamburg, XXVI, 1960.

BECKER, Ítala Irene Basile. "O índio Kaingáng no Rio Grande do Sul". *Pesquisas* (Antropologia, 29). São Leopoldo, UNISINOS (Instituto Anchietano de Pesquisas), 1976.

BIOCCA, Ettore. *Yanoáma: dal racconto di una donna rapita dagli indi.* Bari, Leonardo da Vinci, 1965.

BLOEMER, Neusa Maria. *Itaga: alguns aspectos do funeral Borôro.* Mestrado USP., 1980.

CAMÊU, Helza. *Introdução ao estudo da música indígena brasileira.* Conselho Federal de Cultura e Departamento de Assuntos Culturais, 1977.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Urbanização e tribalismo: a integração dos índios Terêna numa sociedade de classes*. Rio de Janeiro, Zahar. Doutorados USP, 1966, 1968.

———. *O índio e o mundo dos brancos: a situação dos Tukúna do alto Solimões*. São Paulo, Pioneira. (1a. ed. 1964), 1972.

———. *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terêna*. Rio de Janeiro, Francisco Alves (1a. ed.: 1960), 1976a.

———. *Identidade etnia e estrutura social*. São Paulo, Pioneira, 1976b.

———. *A Sociologia do Brasil indígena*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: Ed. UnB (1a. ed.: 1972).

CARNEIRO DA CUNHA, Maria Manuela L. *Os mortos e os outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó*. São Paulo, HUCITEC. Doutorado UNICAMP 1975. CTB 2:68, n.º 55554; BIB 2:37, 1978.

CARVALHO, Edgard de Assis. *As alternativas dos vencidos: índios Terêna do Estado de São Paulo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. Doutorado FFCL Rio Claro 1974, 1979.

CARVALHO, Maria Rosário G. de. *Os Pataxó de Barra Velha: seu sistema econômico*. Mestrado UFBa., 1977.

CARVALHO, Silvia Maria Schmuziger de. *Jurupari: estudos de mitologia brasileira*. São Paulo, Ática. Doutorado UEPJMF 1974. CTB 1:52, n.º 577, 1979.

CORTEZ DE SOUZA, Roberto Maria. *O "diaconato" indígena: articulação étnica no recôncavo do Tumucumaque brasileiro*. Mestrado MN. CBT 3:61, n.º 71706, 1977.

CROCKER, Jon Christopher. *The social organization of the Eastern Borôro*. Doutoramento Harvard, 1967.

CROCKER, William Henry. *A method for deriving themes as applied to Canela Indian festival materials*. Ann Arbor, Xerox Microfilms. Doutoramento, Wisconsin, 1962.

DAVIS, Shelton H. *Vítimas do Milagre: o desenvolvimento e os índios do Brasil*. Tradução. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

DINIZ, Edson Soares. *Os índios Makuxi do Roraima: sua instalação na sociedade nacional*. Marília, FFCL Marília (Coleção Teses, 9). Doutorado FFCL Marília, 1972.

———. *Uma reserva indígena no centro-oeste paulista: aspectos de relações interétnicas e intertribais*. São Paulo: USP (Coleção Museu Paulista — Série Etnologia, 3). Livre-docência UEPJMF (Marília) 1976, 1978.

DREYFUS, Simone. *Les Kayapo du Nord, État de Para — Brésil: contribution à l'étude des indiens Gé*. Paris: Mouton & Co. (trad. para castelhano: México: III, 1972), 1963.

FÉNELON COSTA, Maria Heloisa. *A arte e o artista na sociedade Karajá*. Brasília: DEP-DGPC-FUNAI, Docência Livre EBA-UFRJ 1974, 1978.

FERRARO DORTA, Sonia. *Pariko: etnografia de um artefato plumário*. Mestrado USP, 1978.

FOCK, Niels. *Waiwai: religion and society of an Amazonian tribe*. Copenhagen, The National Museum, 1963.

FRIKEL, Protásio. *Os Tiriyó: seu sistema adaptativo. Hannover,* Volkerkundliche Abhandlungen, 5, 1973.

FUNAI. *Política e ação indigenista brasileira*. Brasília, FUNAI/DGPC/DEP, 1975.

GALVÃO, Eduardo. *Encontro de sociedades: índios e brancos no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

GIACCARIA, Bartolomeu & HEIDE, Adalberto. *Xavante (Auwe Uptabi: Povo Autêntico): pesquisa histórico-etnográfica.* São Paulo, Editorial Dom Bosco, 1972.

———. *Jerônimo Xavante conta: mitos e lendas.* Campo Grande, Museu Regional Dom Bosco, 1975a.

———. *Jerônimo Xavante sonha: contos e sonhos.* Campo Grande, Museu Regional Dom Bosco, 1975b.

GOMES, Mércio Pereira. *The ethnic survival of the Tenetehara indians of Maranhão, Brazil.* Doutorado Univ., Florida, 1977.

GRAEVE, Bernard von. *Protective intervention and interethnic relations: a study of domination on the Brazilian frontier.* Doutorado Univ. Toronto, 1976.

GREGOR, Thomas. *Mehinaku: the drama of daily life in Brazilian Indian village.* Chicago and London, the University of Chicago Press, 1977.

GUARIGLIA, Guglielmo. *Gli Xavante in fase acculturativa: una tribu del Mato Grosso riscopre e rinnova la sua cultura.* Milano, Università Cattolica del Sacro (Vita e Pensiero), 1973.

HAHN, Robert. *Rikbacka categories of social relations: an epistemological analysis.* Doutorado Harvard, 1976.

HARTMANN, Günther. *Liljoko: Puppen der Karaja, Brasilien.* Berlin, Museum für Volkerkunde, 1973.

HARTMANN, Theka *Nomenclatura botânica dos Borôro (materiais para um ensaio etnobotânico).* São Paulo, USP (Instituto de Estudos brasileiros, 6), 1967.

———. *A Contribuição da iconografia para o conhecimento de índios brasileiros do século XIX.* São Paulo, USP (Coleção Museu Paulista — Série Etnologia, 1) Doutorado USP 1970, 1975.

HEATH, E. G. & CHIARA, Vilma. *Brazilian Indian archery: a preliminary ethnotoxological study of the archery of the Brazilian Indians.* Manchester, The Simon Archery Foundation, 1977.

HEELAS, Richard. *The Panara.* Doutorado Oxford, 1979.

HELM, Cecília Maria Vieira. *A integração do índio na estrutura agrária do Paraná.* Livre Docência UFPr. CBT 1:53, n.º 932; BIB 5:37, 1974.

———. *O índio camponês assalariado em Londrina: relações de trabalho e identidade étnica.* Tese Titular UFPr, 1977.

HEMMING, John. *Red gold: the conquest of the Brazilian Indians.* Macmillan, 1978.

JUNQUEIRA, Carmem. *Os índios de Ipavu: um estudo sobre a vida do grupo Kamaiurá.* São Paulo, Ática, 1975.

KRACKE, Waud H. *Force and persuasion: leadership in an Amazonian society.* Chicago and London, The University of Chicago Press, 1978.

LAPOINTE, J. *Residence paterns and Wayaná social organization.* Doutorado Columbia Univ., 1970.

LARAIA, Roque de Barros. *Organização social dos Tupí contemporâneos.* Doutorado USP., 1972.

LARAIA, Roque de Barros & MATTA, Roberto Da. Índios e castanheiros: a empresa extrativa e os índios do médio Tocantins. 2.ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra (1.ª ed.: 1967), 1978.

LAVE, Jean Elisabeth Carter. *Social taxonomy among the Krikati (Gê) of Central Brazil.* Doutorado Harvard, 1967.

LEVAK, Zarco D. *Kinship system and social structure of the Borôro of Pobojari.* Doutorado Yale, 1971.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mythologiques: le cru et le cuit*. Paris, Plon, 1964.
————. *Mythologiques: du miel aux cendres*. Paris, Plon, 1966.
————. *Mythologiques: l'origine des manières de table*. Paris, Plon, 1968.
LUKESCH, Anton. *Religonsbuch der Kayapó — Indianer: ein Beitrag zur Arrommodation and Akkulturation bei Naturvolkern*. Modling bei Wien, St. Gabriel-Verlag, 1963.
————. *Mito e vida dos índios Caiapós*. São Paulo, Pioneira e EDUSP. (1.ª ed. em alemão: 1969), 1976.
MASON, Alan Wilfrid. *Oronaó social structure*. Doutorado Univ. California (Davis), 1969.
MATTA, Roberto Da. *Um mundo dividido: a estrutura social dos índios Apinayé*. Petrópolis, Vozes. Doutorado Harvard, 1976.
MAYBURY-LEWIS, David. *The savage and the innocent*. London, Evan Brothers, 1965.
————. *Akwe-Shavante society*. Oxford, Clarendon, 1967.
MAYBURY-LEWIS, David (org.). *Dialectical societies: the Gê and Borôro of Central Brazil*. Cambridge (Mass.) and London, Harvard University Press, 1979.
MEGGERS, Betty J. *Amazônia: ilusão de um paraíso*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. (1.ª ed. em inglês: 1971), 1977.
MELATTI, Julio Cezar. *Índios e criadores: a situação dos Krahó na área pastoril de Tocantins*. Rio de Janeiro, UFRJ (Monografias do Instituto de Ciências Sociais, 3), 1967.
————. *O sistema social Krahó*. Doutorado USP, 1970.
————. *O messianismo Krahó*. São Paulo, Herder e EDUSP, 1972.
————. *Ritos de uma tribo Timbira*. São Paulo, Ática, 1978.
MENGET, Patrick. *Au nom des autres: classification des relations sociales chez les Txicao du haut-Xingu (Brésil)*. Doutorado Université de Paris X (Nanterre). s.d.
MONOD-BECQUELIN, Aurore. *La pratique linguistique des indies Trumai (Maut-Xingu, Mato Grosso, Brésil)*. 2 tomos. Paris, SELAF e CNRS, 1975.
MONTAGNER MELATTI, Delvair. *Aspectos da organização social dos Kaingáng paulistas*. Brasília, DEP-DGPC-FUNAI. Mestrado USP 1972, 1976.
MOREIRA NETO, Carlos de Araujo. *A política indigenista brasileira durante o século XIX*. Doutorado FFCL Rio Claro, 1971.
MOURA, José de. *"Os Munkü, 2.ª contribuição ao estudo da tribo Iranche"*. *Pesquisas* (Antropologia, 10). São Leopoldo, UNISINOS (Instituto Anchietano de Pesquisas), 1960.
MÜLLER, Regina Aparecida Polo. *A pintura do corpo e os ornamentos Xavante: arte visual e comunicação social*. Mestrado UNICAMP. CBT 1:54, n.º 214; BIB 3:27, 1976.
MURPHY, Robert F. *"Mundurucú religion"*. *University of California Publications in American Archeology and Ethnology*, vol. 49, n.º 1. Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1958.
————. *Headhunter's heritage: social and economic change among the Mundurucú Indians*. Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1960.
MURPHY, Yolanda. *The Mundurucú women of the village of Cabruá*. Mestrado Columbia Univ., 1972.
MURPHY, Yolanda & MURPHY, Robert F. *Women of the forest*. New York and London, Columbia University Press, 1974.

MYAZAKI, Nobue. *The Waurá and the Mehináku: etnological study of two Aruak tribes in the Upper Xingu, State of Mato Grosso, Brazil*. Tese Univ de Tóquio, 1965.
NASSER, Nássaro Antônio de Souza. *Economia Tuxá*. Mestrado UFBa., 1975.
NEWTON, Dolores. *Social and historical dimentions of Timbira material Culture*. Doutorado Harvard, 1971.
NUNES PEREIRA. *Moron Guêtá: um Decameron indígena*. 2 vols. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.
————. *Panorama da alimentação indígena: comidas, bebidas & tóxicos na Amazônia brasileira*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1974.
OLIVEIRA, Adélia Engrácia de. "Os índios Jurúna do alto Xingu". Dédalo, ano VI, n.ᵒˢ 11-12. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. p. 6-291. Doutorado FFCL Rio Claro, 1969, 1970.
OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. *As facções e a ordem política em uma reserva Tukúna*. Mestrado UnB. CBT 2:68, n.º 6477; BIB 5:35, 1977.
ORO, Ari Pedro. *Tükúna: vida ou morte*. Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul; Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes & Vozes. Mestrado PUC-RS, 1977. CBT 2:69, n.º 3647, 1978.
PENTEADO, Yara Maria Brum. *A condição urbana: estudo de dois casos de inserção do índio na vida citadina*. Mestrado UnB, 1980.
PEREIRA, Adalberto Holanda. "Os espíritos maus dos Nanbikuára e quinze lendas dos Rikbáktsa". *Pesquisas* (Antropologia, 25). São Leopoldo, UNISINOS (Instituto Anchietano de Pesquisas), 1973.
————. "Lendas dos índios Iránxe". *Pesquisas* (Antropologia, 27), São Leopoldo, UNISINOS (Instituto Anchietano de Pesquisas), 1974.
————. "A morte e a outra vida do Nanbikuára. Lendas dos índios Nanbikuára". *Pesquisas* (Antropologia, 26). São Leopoldo, UNISINOS (Instituto Anchietano de Pesquisas), 1976.
PEREIRA, Adalberto Holanda & MOURA E SILVA, José de. "História dos Mùnku (Iránxe)". *Pesquisas* (Antropologia, 28). São Leopoldo, UNISINOS (Instituto Anchietano de Pesquisas), 1975.
PIRES. Maria Ligia Moura. *Guaraní e Kaingáng no Paraná: um estudo das relações intertribais*. Mestrado UnB. CBT: 55, n.º 955, 1975.
POLYKRATES, Gottfried. *Wawanaueteri und Pukiruapueteri: zwei Yanonami-Stamme Nordwestbrasiliens*. Copenhagen, Museum of Denmark, 1969.
PONZO, Ezio. *L'acculturazione dei popoli primitivi: contributo psicologico*. Roma, Mario Bulzoni Editore (Quaderni di Psicologia, 2), 1967.
POSEY, Parrell Addison. *Ethno entomology of the Gorotire Kayapó of Central Brazil*. Ann Arbor: Xerox University Microfilms. Doutorado Geórgia, 1979.
PRICE, P. David. *Nambiquara society*. Doutorado Univ. Chicago, 1972.
RAMOS, Alcida Rita. *The social system of the Sanuma of Northern Brazil*. Ann Arbor, Xerox University Microfilms. Doutorado Wisconsin, 1972.
————. *Hierarquia e simbiose: relações intertribais no Brasil*. São Paulo, HUCITEC; Brasília, INL, 1980.
REID, Howard A. *Some aspects of movement growth and change among the Hupdu Maku*. Doutorado Cambridge, 1979.

RIBEIRO, Berta Gleizer. *Diário do Xingu*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

———. *A Civilização da Palha: a arte do trançado dos índios do Brasil*. Doutorado USP, 1980.

RIBEIRO, Darcy. "Culturas e línguas indígenas do Brasil". *Educação e Ciências Sociais*, vol. 2, n.º 6, Rio de Janeiro, 1957.

———. *A política indigenista brasileira*. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, 1962.

———. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.

———. *Uirá sai à procura de Deus: ensaios de Etnologia e Indigenismo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974.

RIBEIRO DARCY & RIBEIRO, Berta G. *Arte Plumária dos índios Kaapor*. Rio de Janeiro, 1957.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. *A integração do índio na sociedade regional: a função dos postos indígenas em Santa Catarina*. Florianópolis, UFSC, 1970.

———. *Índios e brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng*. Florianópolis, Edeme. Doutorado USP, 1973.

———. *Educação e sociedades tribais*. Porto Alegre, Movimento, s.d.

SCHADEN, Egon. *Aculturação indígena: ensaio sobre fatores e tendências da mudança cultural de tribos índias em contacto com o mundo dos brancos*. 2.ª edição. São Paulo, Pioneira e EDUSP. (1.ª ed.: 1965). Tese Catedrático USP, 1965, 1969.

(SCHOEPF, Daniel G.). *La marmite Wayana: cuisine et societé d'une tribu d'Amazonie*. Genebra, Musée d'Etnographie. 1979. O nome de SCHOEPF não figura na capa do volume, mas é o responsável pela maior parte do conteúdo do mesmo.

SEEGER, Anthony. *Nature and culture and their transformation in the cosmology and social organization of the Suya, a Ge-Speaking tribe of Central Brazil*. Doutorado Univ. Chicago, BIB 4:31, 1974.

———. *Os índios e nós: estudos sobre sociedades tribais brasileiras*. Rio de Janeiro, Campus, 1980.

SILVA, Alcionílio Brüzzi Alves da. *A civilização indígena do Uaupés*. São Paulo, 1962.

SILVA RIBEIRO, Maria Aracy Lopes da. *Da prática Xavânte: uma reflexão sobre os Jê*. Doutorado USP, 1980.

SILVERWOOD-COPE, Peter. *A Contribution to the ethnography of the Colombian Maku*. Doutorado Cambridge. Adaptação para o português: *Os Maku: povo caçador do noroeste da Amazônia*. Brasília. FUB/Departamento de Ciências Sociais, 1980 (Trabalhos de Ciências Sociais, Série Antropologia, 27), 1972.

STAHLE, Vera-Dagny. *Klotzrenner Brasilianischer Indianer*. Doutorado Univ. Johann Wolfgang Goethe, Frankfurt am Main, 1969.

TAYLOR, Kenneth I. *Sanumá fauna: prohibitions and classifications*. Caracas: Fundación La Salle de Ciencia Naturales (Instituto Caribe de Antropología y Sociología — Monografia 18), 1974.

THOMAS, Geogr. *Die Portugiesische Indianer Politik in Brasilien 1500-1640*. Berlim, Colloquium Verlag, 1968.

TSUPAL, Nancy Antunes. Educação indígena bilíngüe, particularmente entre Karajá e Xavante: alguns aspectos pedagógicos, considerações e sugestões. Mestrado Educação UnB, 1978.

TURNER, Terence Sheldon. *Social structure and political organization among the Northern Cayapo*. Doutorado Harvard, 1966.

———. *The fire of the jaguar.* Chicago: University of Chicago Press. No prelo. m.s.
UMÚSIN PANLÕN KUMU & TOLAMÃN KENHÍRI. *Antes o mundo não existia: a mitologia heróica dos índios Desâna.* Introdução de Berta Ribeiro. São Paulo, Livraria Cultura, 1980.
URBAN, Gregory P. *A model of Shoklen social reality,* Doutorado Univ. Chicago, 1978.
VELLARD, J. *Histoire du curare: les poisons de chasse en Amérique du Sud.* Gallimard, 1965.
VERSWIJVER, Gustaaf. *Enquête ethnographique chez les Kayapo--Mekrãgnoti: contribution à l'étude de la dynamique des groupes locaux (scissons et regroupements).* Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1978.
VIDAL, Lux Boelitz. *Morte e ida de uma sociedade indígena brasileira: os Kayapó-Xikrin do rio Cateté.* São Paulo, HUCITEC e EDUSP, 1977.
VIERTLER, Renate Brigitte. *Os Kamayurá e o alto Xingu: análise do processo de integração de uma tribo numa área de integração intertribal.* São Paulo, USP (Publicação do Instituto de Estudos Brasileiros, 10), 1969.
———. *As aldeias Borôro: alguns aspectos de sua organização social.* São Paulo, USP (Coleção Museu Paulista — Série Etnologia, 2). Doutorado USP, 1976.
VILLAS BOAS, Orlando & VILLAS BOAS, Cláudi. *Xingu: os índios, seus mitos.* Rio de Janeiro, Zahar, 1970.
VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Batalha. *Indivíduo e sociedade no alto Xingu: os Yawalapití.* Mestrado MN. CBT 2:67, n.º 3760, 1977.
ZARUR, George de Cerqueira Leite. *Parentesco, ritual e economia no alto Xingu.* Brasília: DEP-DGPC-FUNAI. Mestrado MN 1972, 1975.